



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS LARANJEIRAS DO SUL
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

LÍRIA MACEDO SCUSSEL

**A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DOS ANOS INICIAIS DA ESCOLA
ITINERANTE HERDEIROS DO SABER DE RIO BONITO DO IGUAÇU/PR**

LARANJEIRAS DO SUL

2017

LÍRIA MACEDO SCUSSEL

**A FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DOS ANOS INICIAIS DA ESCOLA
ITINERANTE HERDEIROS DO SABER DE RIO BONITO DO IGUAÇU/PR**

**Trabalho de conclusão de curso de especialização
apresentado como requisito para obtenção de grau
de Especialista em Educação do Campo, da
Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus
Laranjeiras do Sul.**

Orientadora: Prof.^a: Luciana Henriques da Silva

LARANJEIRAS DO SUL

2017

PROGRAD/DBIB - Divisão de Bibliotecas

Scussel, Liria da Graça Macedo
A Formação dos Educadores dos anos iniciais da Escola
Itinerante Herdeiros do Saber de Rio Bonito do
Iguaçu/PR/ Liria da Graça Macedo Scussel. -- 2017.
54 f.

Orientador: Luciana Henrique da Silva.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Especialização em Educação do Campo , Laranjeiras do
Sul, PR, 2017.

1. Educação do Campo. 2. Escola Itinerante. 3.
Formação de Educadores. I. Silva, Luciana Henrique da,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Titulo.

LÍRIA DA GRAÇA MACEDO SCUSSEL

TÍTULO: "A Formação dos Educadores dos anos iniciais da Escola Itinerante Herdeiros do Saber de Rio Bonito do Iguçu/PR".

Monografia apresentada ao Curso de **Especialização em Educação do Campo** da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS para obtenção do título de Especialista em Educação do Campo, defendido em banca examinadora em 26/10/2017

Presidente da Banca: Prof^a. Dr^a. Luciana Henrique da Silva

Aprovado em: 26/10/2017

BANCA EXAMINADORA


Prof^a. Dr^a. Luciana Henrique da Silva (UEMS)


Prof^a. M^a. Luizangela Padilha Pontarolo (UFFS)


Prof^o. Me. Vitor de Moraes (UFFS)

Laranjeiras do Sul/PR, outubro de 2017

Dedico este trabalho à minha família, em especial ao meu marido, Luiz Carlos Scussel, aos meus filhos e também à minha orientadora prof.^a Luciana Henriques da Silva por toda paciência, apoio e incentivo para que eu concluísse o curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, pelas oportunidades que me proporciona, pelas pessoas que me permitiu conhecer e pela força para superar os desafios.

À minha família pelo carinho, dedicação, incentivo e colaboração em todos meus projetos, não poupando esforços para me ajudar a realizar os desafios a que me disponho.

Ao meu marido pelo carinho, compreensão, por estar sempre disposto a me ajudar e incentivar.

À Universidade Federal da Fronteira Sul por mais essa oportunidade e aos docentes do curso de Especialização em Educação do Campo pela contribuição em nosso processo de formação.

À Professora Luciana Henriques da Silva, por ter aceito a orientação deste trabalho e toda a dedicação, paciência e empenho com que realizou esta tarefa, sempre à disposição para esclarecer minhas dúvidas, contribuindo e oferecendo todo o apoio, auxílio e incentivo necessários.

À Escola Itinerante Herdeiros do Saber, à Direção e Coordenação desta, e, aos educadores participantes da pesquisa pela importante colaboração para a realização deste trabalho.

Aos colegas e amigos da Especialização em Educação do Campo, especialmente à Marizete Borges por suas palavras de incentivo nos momentos em que eu estava prestes a abandonar tudo e por me oferecer carona nos sábados que tínhamos aula.

Enfim, muito obrigada a todos que contribuíram de alguma forma para a realização deste trabalho e obrigada por toda aprendizagem que a realização do mesmo me permitiu.

RESUMO

O presente trabalho visa analisar como acontece a Formação dos Educadores na Escola Itinerante do acampamento, a qual se encontra localizada no Município de Rio Bonito do Iguçu-PR. Entre os elementos presentes na proposta pedagógica da Escola Itinerante evidencia-se a busca de uma educação vinculada às especificidades e necessidades dos povos do campo como forma de possibilitar aos estudantes a compreensão dos conteúdos científicos e de sua realidade, construindo condições para melhorá-la. O objetivo geral consiste em analisar o processo de formação dos educadores dos anos iniciais do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio da Escola Itinerante Herdeiros do Saber, buscando identificar as especificidades da pedagogia do movimento. A metodologia foi elaborada por meio de pesquisa bibliográfica a partir de materiais elaborados como livros e artigos, de estudiosos como Bahniuk (2012), Caldart (2005), Arroyo (2005), entre outros. Também foi realizada uma pesquisa de campo que consistiu em: Observação e aplicação de um questionário aos educadores que atuam nos espaços Herdeiros do Saber. O tema abordado foi organizado em três momentos. No primeiro apresentamos um pouco da luta pela terra e da luta por escolas dentro do MST, bem como o histórico do surgimento das escolas itinerantes no Paraná e, em Rio Bonito do Iguçu. No segundo, descrevemos os principais conceitos relacionados à educação do campo, a construção da pedagogia do movimento e a proposta de formação de educadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. E, no último, faremos a caracterização dos professores que atuam nesta escola e analisaremos o processo de formação destes educadores a partir da análise dos dados levantados durante a pesquisa de campo. Considera-se que a Escola Itinerante resultou de lutas organizadas pelos movimentos sociais, contribuindo para a inclusão daqueles que estavam à margem da sociedade, assim, para se construir uma educação do campo efetiva, é preciso repensar a estrutura da escola, a maneira de organização dos conteúdos, articulando estes com a realidade do campo, oferecendo aos educandos conhecimentos necessários para a compreensão do mundo ao qual pertencem. Constatou-se também, que a formação dos educadores acontece de fato pela mobilização que se têm dentro dos acampamentos, por meio das lutas diárias, pelo contexto real em que se encontram os educadores e educandos, e, não por políticas públicas institucionalizadas.

Palavras-chave: Educação do Campo. Escola Itinerante. Formação de educadores.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Quantidade dos Educadores.....	30
Gráfico 2 - Sexo dos Entrevistados.....	31
Gráfico 3 - Idade dos Entrevistados.....	32
Gráfico 4 - Qual a cor dos Entrevistados.....	33
Gráfico 5 - Formação dos Entrevistados.....	34
Gráfico 6 - Formação Presencial ou à Distância.....	35
Gráfico 7 - Tempo de atuação na escola.....	36
Gráfico 8 - Participou ou participa de cursos de formação.....	37
Gráfico 9 - Quem oferece os cursos de formação de educadores.....	38
Gráfico 10 - Cidades nas quais acontecem os cursos.....	39

LISTA DE ILUSTRAÇÕES/ FIGURAS

Figura 1 - Portal Herdeiros do Saber 1.....	45
Figura 2 – Espaço Herdeiros do Saber 1.....	46
Figura 3 – Espaço Herdeiros (salas de aula).....	46
Figura 4 – Espaço Herdeiros do Saber 2 (Alojamento).....	47
Figura 5 - Embelezamento (cartaz).....	48
Figura 6 – Embelezamento (pintura).....	48
Figura 7 – Portal Herdeiros do Saber 3 (Lambari).....	49
Figura 8 – Herdeiros do Saber 3 (salas de aula).....	49
Figura 9 - Herdeiros do Saber 3 (biblioteca)	50
Figura 10 – Herdeiros do Saber 3 (refeitório).....	50
Figura 11 – Herdeiros do Saber 4 (Guajuvira)	51
Figura 12 – Herdeiros do Saber 4 (refeitório).....	51
Figura13 – Herdeiros do Saber 4 (Horta).....	52
Figuras 14 – Herdeiros do Saber 4 (horta).....	52

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	11
1.1 OBJETIVO GERAL.....	11
1.1.1 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	11
1.1.2 JUSTIFICATIVA.....	11
1.1.3 METODOLOGIA.....	11-12
2. A LUTA PELA TERRA E O SURGIMENTO DAS ESCOLAS EM MOVIMENTO	13
2.1 A LUTA PELA TERRA E POR ESCOLAS DENTRO DO MST, BEM COMO AS ESCOLAS ITINERANTES.....	16
3. EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS ESPECIFICIDADES.....	23
3.1 A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST).....	26
4. CARACTERÍSTICAS E FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DA ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DO SABER 1º DE MAIO DE RIO BONITO IGUAÇU/PR.....	30
5 CONSIDERAÇÕES POSSÍVEIS.....	43
REFERÊNCIAS.....	45
APÊNDICE A –	46-47
QUESTIONÁRIO APLICADO AOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS DOS DIFERENTES ESPAÇOS DA ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DO SABER DO ACAMPAMENTO HERDEIROS DA TERRA DE 1º DE MAIO DE RIO BONITO DO IGUAÇU-PR.....	
APÊNDICE B -	48-57
FOTOS DOS DIFERENTES ESPAÇOS DA ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DO SABER DE 1º DE MAIO DE RIO BONITO DO IGUAÇU-PR.....	

1 INTRODUÇÃO

A Escola Itinerante Herdeiros do Saber I, II, III, e IV, localizada em Rio Bonito do Iguazu/PR, é a maior Escola Itinerante do Paraná, com mais de 500 estudantes matriculados, atende desde os anos iniciais até o Ensino Médio. Atualmente atuam (8) educadores na escola Herdeiros do Saber I, com (81) educandos, (7) educadores na escola Herdeiros II – Alojamento, com (83) educandos, (7) educadores na escola Herdeiros III – Lambari, com (72) educandos e (6) educadores na escola Herdeiros IV, com (61) educandos, totalizando 28 educadores e 297 educandos. Cabe aqui ressaltar que existe grande rotatividade de alunos, podendo ter havido mudanças nos dados desde a realização da pesquisa.

A pesquisa a seguir trata da formação dos educadores que atuam na Escola itinerante Herdeiros do Saber de 1º de Maio, sendo esta, a escola matriz do acampamento Herdeiros da Terra, dividida em quatro espaços diferentes, estando ela organizada da seguinte maneira: Herdeiros I, Herdeiros II (Alojamento), Herdeiros III (Lambari), Herdeiros IV (Guajuvira). Como objetivo geral, a pesquisa buscou analisar o processo de formação dos educadores dos anos iniciais do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio da Escola Itinerante Herdeiros do Saber, buscando identificar as especificidades da pedagogia do movimento.

Como objetivos específicos buscou verificar como acontece a formação inicial e continuada para esses educadores; identificar o movimento de luta e a organicidade que possibilitou a criação das escolas itinerantes e das especificidades da formação dos educadores; realizar uma caracterização dos educadores que atuam nas séries iniciais da Escola Itinerante do acampamento Herdeiros da Terra e perceber as estratégias utilizadas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), para dar continuidade à formação do educador.

Justifica-se a escolha do tema, uma vez, que a formação dos educadores é uma das prioridades discutidas pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), considerando desta forma a importância de se ter educadores capacitados e comprometidos com a proposta do movimento e da Escola Itinerante, a qual visa considerar as especificidades e diversidades dos que ali estudam, buscando formar educandos críticos e capazes, pois, a educação lhes permite deixar de ser um sujeito passivo e marginalizado para se tornar agente participante e construtor da sua realidade.

Este trabalho foi elaborado por meio de pesquisa bibliográfica a partir de materiais elaborados como livros e artigos, de estudiosos como Bahniuk (2012), Caldart (2005), Arroyo (2005), entre outros. Também foi realizada uma pesquisa de campo que consistiu em:

Observação participante e aplicação de um questionário aos educadores que atuam nos espaços Herdeiros do Saber.

O tema abordado foi organizado em três momentos. No primeiro apresentamos um pouco da luta pela terra e da luta por escolas dentro do MST, bem como o histórico do surgimento das escolas itinerantes no Paraná e, em especial, no Rio Bonito do Iguçu. No segundo, descrevemos os principais conceitos relacionados à educação do campo, a construção da pedagogia do movimento e a proposta de formação de educadores do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. E, no último, faremos a caracterização dos professores que atuam nesta escola e analisaremos o processo de formação destes educadores a partir da análise dos dados levantados durante a pesquisa de campo.

2. A LUTA PELA TERRA E O SURGIMENTO DAS ESCOLAS EM MOVIMENTO

Escolas em Movimento significa uma escola com proposta diferenciada, neste sentido, pode-se pensar a Escola Itinerante dentro dos acampamentos, a qual trabalha na perspectiva da educação do campo. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo, a escola do campo somente terá sentido se pensada a partir das especificidades dos povos do campo.

Historicamente tem-se a educação rural, a qual teve sua trajetória educacional marcada pelo viés do desinteresse por parte de governantes, ou seja, por bastante tempo esta educação manteve-se alheia a realidade do campo desconsiderando a capacidade dos sujeitos do campo de construir e reconstruir os conhecimentos que lhes possibilitasse transformar a realidade e intervir na própria história.

A educação rural no Brasil, por motivos sócio-culturais, sempre foi relegada a planos inferiores, e teve por retaguarda ideológica o elitismo acentuado do processo educacional aqui instalado pelos jesuítas e a interpretação política-ideológica da oligarquia agrária, conhecida popularmente na expressão: “gente da roça não carece de estudos. Isso é coisa de gente da cidade”. (LEITE, 2002, p. 14)

Por ser a educação um direito garantido a toda e qualquer pessoa, a educação do campo necessita ser pensada com responsabilidade, em busca da superação do pensamento que o “campo é lugar de atraso”, ou seja, pensar uma educação no e do campo visando formar sujeitos críticos e autênticos. Fez-se necessário, no entanto, conhecer o antes e o agora da educação rural/educação do campo, uma vez que o tempo presente carrega consigo os reflexos do passado.

Para entender uma dada realidade presente é fundamental que se retorne ao passado com o objetivo de detectar não só os aspectos que, direta ou indiretamente, deram origem a essa mesma realidade presente, como também em que condições materiais tais aspectos foram construídos e a forma pela qual eles se desenvolveram historicamente. (FRIGOTTO, 2006, p. 8).

Da articulação da luta pela terra em busca de justiça social, nasceu o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o qual foi sendo formado entre 1979 a 1984, sendo que foi criado formalmente em Cascavel, PR, no Primeiro Encontro Nacional de Trabalhadores Sem Terra no dia 20 a 22 de Janeiro de 1984. Neste encontro participaram trabalhadores de doze estados, os quais, já desenvolviam ocupações e resistência na terra.

“O MST é um movimento social antigo, sua jornada foi e continua sendo muito tortuosa. A fundação do movimento ocorreu em 1984 no município paranaense de Cascavel. E em janeiro de 1985, ele consolidou-se através do Primeiro Encontro Nacional do Sem-Terra também em nosso Estado. Nesse congresso o tema discutido foi que: sem reforma agrária não há democracia”. [...] (BRAZ, 2000, p. 94)

Em 2007, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), comemorou 23 anos de luta pela Terra e por Reforma Agrária no Brasil, não aconteceu ainda no Estado do Amazonas, do Acre e do Amapá, porém, já se faz presente em 24 Estados. Em relação ao Estado do Paraná, o MST vem se mobilizando desde 1981, sendo o principal motivo o fato de grande parte das famílias se encontrarem em situações de precariedade em todos os sentidos.

Isso se agravou ainda mais com a construção de barragens, um exemplo, é a Usina Hidrelétrica de Itaipu, a qual deixou muitas famílias desabrigadas, bem como também, as famílias que viviam nas ilhas do Rio Paraná, estas por sua vez, que já eram sem terra, não receberam qualquer indenização.

[...] Um exemplo disto é que a primeira grande ocupação de terra feita pelo MST aconteceu na região Oeste, no município de Foz do Iguaçu, que abrigava centenas de famílias oriundas desta barragem. (CADERNO DA ESCOLA ITINERANTE, 2008, p.12)

A sociedade da qual fazemos parte nos coloca frente a desafios constantes, um desses desafios é combater a desigualdade e as contradições sociais existentes no país. Dentre estas contradições, perpetua-se a questão agrária, pois apesar do Brasil ser um País rico em matéria prima, possui um alto índice de pobreza, e de desigualdade social, isso se deve a grande concentração de terra e de renda, nas mãos de poucos proprietários. Neste sentido:

Reforma Agrária significa uma melhor distribuição de terras às populações rurais com o intuito de elevar o nível de vida dessas pessoas e aumentar a produtividade agrícola através da modificação das normas impostas pelo governo, que regulamentam o sistema agrário do país. (BRAZ, 2000, p. 90).

De acordo com Braz (2000), o sistema agrário no Brasil é caracterizado pela grande quantidade de terras mal distribuídas, isto é, de um único dono, conhecido por latifundiário, pois, muitas vezes estas terras não são cultivadas contribuindo para o aumento da desigualdade, produzindo desemprego e pobreza nas populações rurais, as quais ficam sem ter onde trabalhar nem produzir.

Desses problemas surgem manifestações de sem-terra com ocupação de territórios particulares à força, a fim de sensibilizar as pessoas e apressar medidas governamentais satisfatórias com relação a uma reforma agrária que faça uma distribuição de terras menos desequilibrada, mais justa e possibilitando a

transformação de terras improdutivas em campos verdejantes de culturas diversas, colocando-os numa condição social menos desigual, embora saibamos que as diferenças entre os grandes e os pequenos produtores sejam gritantes. (BRAZ, 2000, p. 92)

De acordo com Braz (2000), por meio do Plano Nacional de Reforma Agrária de 1987, buscou-se uma mudança no regime de posse ou uso da terra, como também o fim do latifúndio. Braz (2000, p. 92) “Esse Plano segue até os nossos dias e, como diretrizes básicas para a reforma agrária, fixa que”:

As empresas que funcionam no meio rural, os pequenos e médios agricultores e as terras que estiverem produzindo não serão desapropriadas. E as áreas que forem desapropriadas serão transferidas para outros donos, conforme os critérios escolhidos pelo Governo. Todas as desapropriações serão pagas mediante indenizações. (BRAZ, 2000, p. 92-93)

Essas negociações de terras são feitas pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), o qual é um órgão que tem a função de auxiliar nos problemas dos trabalhadores rurais e ajudar o governo a realizar a reforma agrária. Também é ele que faz as vistorias dos locais que serão desapropriados, além da distribuição de lotes para as famílias e subsídios para que possam produzir nas terras.

O INCRA supervisiona esses assentamentos e lhes proporciona o apoio necessário, cedendo-lhes, inclusive, sob a forma de financiamento, uma verba em dinheiro para serem realizadas benfeitorias na propriedade e começar as atividades. (BRAZ, 2000, p. 93)

Para Caldart (2001), a Questão Agrária atualmente é colocada como parte de uma agenda política, a partir de sujeitos que integram a luta pela Terra ocupando terras que consideram improdutivas em poder do latifúndio. Essa ocupação gera conflitos, pois, a maioria dos integrantes do MST, são pessoas que estavam excluídas de seus direitos enquanto cidadãos, esquecidos pela sociedade, sem participação em nada e de repente são convidadas a se juntar em uma organização composta de uma multiplicidade de ações e dimensões de lutas existentes dentro do movimento.

[...] uma luta coletiva, na qual muitas pessoas também perderam sua vida, seja no dia a dia da violência do latifúndio, seja em massacres mundialmente divulgados, como o caso de Eldorado dos Carajás, no Pará, em 1996. É assim que o MST vem ajudando a recolocar na agenda política brasileira a questão da Reforma Agrária: fazendo a luta pela terra e afirmando, em suas iniciativas, a possibilidade de novas relações sociais, e de um novo projeto de desenvolvimento para o campo, e para o país. (CALDART, 2001, p.208).

Conforme Braz (2000), podemos simplificar dizendo que Reforma agrária visa promover a justiça social combatendo com a desigualdade do país, no qual há bastantes terras produtivas e bem localizadas sendo de propriedade de fazendeiros ou empresas, enquanto a maioria da população encontra-se na extrema precariedade, migrando de um lado para outro.

E, pelo descontentamento dessas famílias, começaram a surgir associações e movimentos sindicais, como por exemplo, o Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra, que exerceu e continua exercendo forte pressão sobre nosso governo a fim de promover a reforma agrária. (BRAZ, 2000, p. 91)

A reivindicação dos trabalhadores pela reforma agrária, além de uma melhoria nas redistribuições dessas terras, almeja ter alternativas para que os sujeitos do campo possam trabalhar e produzir na terra, necessitando de estímulo do Governo, ou seja, que possam ter créditos, além de uma estrutura que lhes permita trabalhar e produzir de modo a garantir a sobrevivência e a de sua família com dignidade a partir do trabalho.

2.1 A LUTA PELA TERRA E POR ESCOLAS DENTRO DO MST, BEM COMO AS ESCOLAS ITINERANTES.

Quase ao mesmo tempo do início da luta pela terra, houve a preocupação em lutar por escola, a princípio eram lutas “separadas”, ou seja, algumas pessoas que faziam parte das lideranças acreditavam que ao se empenharem em lutar por escolas descaracterizariam a luta principal que era a luta pela terra.

Com o decorrer do processo de luta, perceberam que se incluíssem a luta por escola na organicidade do Movimento do MST, esta viria a somar sendo vista como uma estratégia de luta, por ser um direito da classe trabalhadora de ter seus filhos na escola e por este direito estar sendo negado pelo Estado e pela sociedade em geral. Com esta compreensão, de acordo com Caldart (2005, p. 91), a escola foi inserida “na organização social de massas de luta pela Reforma Agrária, em que se transformou o Movimento dos Sem Terra”.

[...] Assim como não é possível compreender o surgimento do MST fora da situação agrária e agrícola brasileira, também é preciso considerar a realidade educacional do país para entender por que um movimento social de luta pela terra acaba tendo que se preocupar com a escolarização de seus integrantes. (CALDART, 2004, p. 227)

No Estado do Paraná, a preocupação das famílias acampadas com a escolaridade dos filhos, ocorreu desde o começo da luta pela terra, como exemplo podemos falar de dois grandes acampamentos na região de Cascavel e Quedas do Iguaçu, nos quais, havia

aproximadamente 800 crianças e adolescentes ausentes das escolas oficiais, ou seja, “fora da escola”.

Foi refletindo esta realidade que surgiram iniciativas para lutar por escolas dentro dos acampamentos, a primeira voltava-se ao cuidado dessas crianças, buscando ocupá-las com atividades educativas. Não aceitando que seus filhos perdessem o ano letivo, alguns pais os matriculavam em escolas próximas do acampamento, apesar disso, era preciso ir de ônibus até a referida escola.

Esse transporte escolar utilizado, muitas vezes não era seguro. No entanto era o único meio de inclusão oferecido pelo Estado, o qual se negava reconhecer o MST como um Movimento Social que lutava pela terra e que além dessa luta, integrava milhares de famílias sem-terra nesse mesmo movimento.

[...] Matricular seus filhos na escola da cidade significou deixá-los sofrer, muitas vezes discriminação pela comunidade urbana, com professores e alunos que não compreendiam o processo organizativo e as causas que levam os Sem Terra a se organizar e lutar pela terra [...]. (CADERNO DA ESCOLA ITINERANTE, 2008, p.12)

Esse era um dos motivos pelo qual as crianças acabavam ficando fora da escola. As que conseguiam vagas se sentiam excluídas e discriminadas, apesar disso, muitas não tinham a mesma oportunidade por não existir vagas. Ademais, quando o acampamento mudava de espaço, de cidade, as famílias passavam pelo mesmo constrangimento, sem falar, que devido a constantes mudanças a maioria perdia o ano letivo, fato que desestimulava o gosto das crianças em relação aos estudos e a própria escola.

Dada esta conjuntura, o Setor de Educação do MST se viu obrigado e pressionado a buscar novas possibilidades de fazer escola, ou seja, uma forma de atender às necessidades dos acampados. A expectativa era ter uma escola que participasse da vida do acampamento, que respeitasse a sua realidade e que a tornasse como ponto de partida para as práticas pedagógicas. (CADERNO DA ESCOLA ITINERANTE, 2008, p.13)

Segundo Caldart (2005), primeiramente as mães e professoras, a seguir os pais e lideranças do Movimento e conseqüentemente neste processo de luta, as crianças também vão se mobilizando nos acampamentos. Devido às pressões sofridas pelas famílias, o MST, por ser uma organização de massas considerou por bem organizar esta luta dentro de sua organicidade.

A escola passou a fazer parte da vida das famílias acampadas com uma proposta pedagógica diferenciada e especificamente voltada para este público, tornando-se um elemento primordial com diferentes significados para cada grupo, de acordo com a vivência histórica de cada trabalhador, passando a fazer parte da cultura das famílias acampadas.

A escola torna-se uma preocupação do movimento, no sentido de que esta, acompanhe esses educandos e suas famílias no processo de luta, com educadores capacitados para trabalhar nesta proposta diferenciada que coloca o sujeito como agente transformador. Neste sentido:

[...] A criação de um Setor de Educação dentro do MST formaliza o momento em que esta tarefa foi intencionalmente assumida. Isto aconteceu em 1987, E, a partir de sua atuação, o próprio conceito de escola aos poucos vai sendo ampliado, tanto em abrangência como em significados. (CALDART, 2005, p. 92)

Nesse processo de aprovação do projeto de Escolas Itinerantes, podemos falar da contribuição de duas experiências, a Escola Chico Mendes, do acampamento José Abílio dos Santos de Quedas do Iguaçu, inaugurada em 30 de outubro de 2003, com 660 educandos e 43 educadores e a Escola Itinerante Zumbi dos Palmares no acampamento Dorcelina Fonador, em Cascavel/PR, com 360 educandos e 28 educadores.

Esta escola foi por sua vez, depois da legalização do projeto, a primeira a ser inaugurada em 07 de fevereiro de 2004. Desta maneira as duas escolas citadas anteriormente marcam o início da Escola Itinerante, pública estadual no Estado do Paraná.

A ideia principal do Movimento era começar com duas escolas, em acampamentos que demonstrassem organizações suficientes para garantir o processo educativo. Conforme a organização das comunidades, foram surgindo outras escolas, fruto de reflexões e trabalho coletivo, assim, a escola é solicitada conforme seus integrantes viam a necessidade, ficando estes responsáveis pela organização e funcionamento da mesma.

[...] Desta forma, o Setor de Educação foi atendendo à demanda, deslocando-se até a comunidade acampada que havia solicitado a escola, e ali permanecendo o tempo necessário para a organização da escola e sua forma de funcionamento. Todas as escolas foram, em conjunto, organizadas após serem estudadas suas condições e viabilidade naquela comunidade. (CADERNO DA ESCOLA ITINERANTE, 2008, p.16 - 17)

Segundo Caldart (2005), a princípio a mobilização pela educação se fez para as séries iniciais, 1ª à 4ª série. No decorrer do tempo, a escola passou a fazer parte da dinâmica do movimento na luta pela terra, preocupando-se a partir daí com a formação dos seus sujeitos,

possibilitando o acesso dos trabalhadores desde a Educação Infantil até a Universidade, sem deixar de falar da modalidade de Educação de Jovens e adultos, a qual é destinada para aqueles que não tiveram acesso à escola na idade certa, por um motivo ou por outro.

[...] Hoje a luta e a reflexão pedagógica do MST se estende da educação infantil à universidade, passando pelo desafio fundamental de alfabetização de jovens e adultos de acampamentos e assentamentos, combinando processos de escolarização, de formação da militância e da base social Sem Terra. (CALDART, 2005, p. 92)

Inserida na dinâmica da organização do MST, a escola passou a ser uma prioridade a ser pensada pelas famílias Sem Terra, as quais, já reconhecem a importância que tem a escola dentro dos assentamentos e acampamentos, sendo, portanto, uma estratégia de luta.

[...] acampamento e assentamento dos sem-terra do MST têm que ter escola e, de preferência, que não seja uma escola qualquer; e a escola passou a ser vista como uma questão também política, quer dizer, como parte da estratégia de luta pela Reforma Agrária, vinculada às preocupações gerais do Movimento com a formação dos seus sujeitos. (CALDART, 2005, p. 92)

De acordo com Caldart (2005), no início a luta por escolas parecia ser só mais uma, entre tantas, uma vez que a própria condição de trabalhador ^(a) sem terra já bastava para serem excluídos de muitos direitos. No entanto, logo foram tendo consciência de que não eram os únicos com direitos negados, mas que havia outros sujeitos trabalhadores do campo e da cidade na mesma situação de descaso, então conscientes, entenderam que teriam vez e voz na escola só se esta fosse transformada.

[...] Foram descobrindo aos poucos, que as escolas tradicionais não têm lugar para sujeitos como os sem-terra, assim como não costumam ter lugar para outros sujeitos do campo, porque sua estrutura formal não permite o seu ingresso, ou porque sua pedagogia desrespeita ou desconhece sua realidade, seus saberes, sua forma de aprender e de ensinar. [...] (CALDART, 2005, p. 93)

Entende-se a necessidade de uma escola flexível, que considere e trabalhe as reais necessidades de seus educandos, contudo, isso só será possível se houver uma transformação desde a base estrutural.

Na perspectiva acima discutida, surgem as escolas itinerantes, com uma proposta pedagógica diferenciada, a qual será enfatizada no decorrer do trabalho.

Escola Itinerante é o nome que recebem as escolas que existem dentro dos acampamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), são assim denominadas, por acompanharem a luta pela Reforma Agrária, e, por assim o ser, asseguram a escolaridade dos filhos dos acampados.

No Paraná, em 2003, havia 15 mil famílias espalhadas em muitos acampamentos do MST, nas diversas regiões do estado. Entre elas havia centenas de crianças, jovens e adultos em idade escolar, sem escola, gerando descontentamento por vê-los sem estudar ou frequentando uma escola distante de seu mundo, e por isso afastando-os de sua realidade. (CADERNO DA ESCOLA ITINERANTE, 2008, p.13)

De acordo com Bahniuk (2012), por meio de muitas reivindicações e pressões do MST, a escola itinerante foi legalmente reconhecida pela primeira vez no Estado de Rio Grande do Sul, foi um projeto piloto que teve duração de dois anos. Inicialmente no acampamento Palmeirão, e após no acampamento Santo Antônio, depois de dois anos, espalhou-se para outros Estados.

Segundo a mesma autora, o estudo a respeito do projeto piloto foi discutido e elaborado pelo Setor de Educação do MST juntamente com a secretaria da Educação do Estado, sendo a seguir aprovada pelo Conselho Estadual de Educação sob o parecer nº 1.313 em 1996. Este projeto pedagógico de Escola itinerante propunha uma metodologia:

[...] embasada no processo dialético, no qual as criações e as construções acontecem após a superação de conflitos. Caberá, portanto aos educadores considerar o modo de pensar dos educandos, para, a partir dele, oferecer espaços para a construção do conhecimento. É também importante que os educadores sejam sujeitos ativos e criadores, inclusive em relação ao seu próprio processo de construção de conhecimento. (PARECER Nº 1.313/96, P. 04)

Segundo Bahniuk (2012), tal proposta vinha sendo pensada desde as primeiras ocupações do MST na década de 1980, nos acampamentos da Encruzilhada Natalino e da Fazenda Annoni, foi aí que existiram as primeiras escolas itinerantes. No início eram chamadas de escolas de acampamentos. Contudo, já havia a percepção da necessidade de ter uma escola que colaborasse com a luta da classe trabalhadora. Ainda segundo a mesma autora, as escolas itinerantes são públicas e fazem parte da rede estadual de ensino, elas são aprovadas pelos conselhos estaduais de Educação e, pelo fato de acompanharem a luta, precisam ter vínculo legal com uma escola base, a qual será a responsável pelo seu funcionamento.

De acordo com as leituras realizadas em autores como Bahniuk (2012), houve a aprovação da Escola Itinerante em seis Estados, sendo eles; Rio Grande do Sul (1996), Paraná

(2003), Santa Catarina (2004), Goiás (2005), Alagoas (2005) e Piauí (2008). Apesar dessas aprovações, em Goiás a escola itinerante funcionou por dois anos, e em Rio Grande do Sul foram interrompidas as atividades por um termo de ajustamento de conduta (TAC) que havia sido firmado entre o Ministério Público do Estado e a Secretaria de Estado da Educação em 2008.

O Estado do Rio Grande do Sul no início de 2011, ao questionar o termo de ajustamento o considerou sem valor legal, a partir daí também, o MST, a Secretaria da Educação e o Governo do estado resolveram se mobilizar para que essas escolas itinerantes voltassem a existir nos acampamentos. Para Bahniuk (2012), os educadores devem formar os educandos para a atualidade, ou seja, trabalhar tudo aquilo que em nossa sociedade se desenvolve tendo domínio dos conteúdos científicos, sem deixar de trabalhar com conteúdos clássicos e históricos construídos no decorrer do tempo. Assim, de acordo com Bahniuk (2012, p. 336), “nas escolas itinerantes, pressupõe dominar as relações naturais e sociais do acampamento e para além dele, com vistas a apreender a realidade e as suas contradições”.

O fato da escola, ser itinerante já é uma atualidade, uma vez, que esta acompanha o percurso do acampamento caminhando junto com a luta, se fazendo presente onde o povo esta, realizando um trabalho para além da sala de aula. Sendo assim, tudo é aprendido, marcha, ocupação de pedágio ou de prédio público, pesquisa em acampamento. Ressalta-se que estas devem ser ações intencionais e refletidas, preparadas e estudadas antecipadamente, pois, conforme Bahniuk (2012, p.336), “a Itinerância potencializa a força da escola itinerante a trabalhar com a atualidade”.

Compreende-se então, que nas escolas itinerantes tudo se pratica e se desenvolve no coletivo, é uma diversidade de culturas que diferem entre si, mas que lutam em prol de um mesmo objetivo. Portanto, todos participam da gestão considerando as inúmeras especificidades, tornando-a mais democrática e menos seletiva.

Os educadores constituem-se em coletivos para planejar, estudar e pensar estrategicamente a escola. Educandos são estimulados a participar, nas aulas – eles têm espaço para colocar suas opiniões, problematizar; além disso, organizam-se em grupos de trabalho, de estudo, muitas vezes denominados núcleos de base (NBs), com referência à estrutura organizativa presente no acampamento. [...] (BAHNIUK, 2012, p. 336)

Os educandos neste contexto dinâmico, também participam dos processos de avaliação da escola em geral, além de se auto-avaliarem e também aos educadores. Deste modo, existem

os tempos educativos em todas as tarefas, uma forma de organização dinâmica que visa à formação humana em todos os sentidos: cognitivo, estético, afetivo, entre outros.

Segundo Bahniuk (2012), no Paraná nos dias atuais, a organização das escolas itinerantes é feita por meio dos ciclos de formação humana, buscando romper com a seriação e o pensamento de aprendizagem homogênea, pois reconhecer o tempo de cada um e a heterogeneidade vai rebater um dos fundamentos da escola capitalista, a qual acredita ser possível ensinar tudo, e que todos aprendem ao mesmo tempo.

Conforme a mesma autora, esta proposta de trabalhar por meio de ciclos, busca formar estratégias nas quais todos possam aprender e se desenvolver, é formado agrupamentos nos quais os educandos são reunidos, considerando a idade de cada um e também a aprendizagem dos mesmos. Aqui então, a educação básica é formada em cinco ciclos e se organiza da seguinte forma: educação infantil (2 anos), três ciclos no ensino fundamental (3 anos cada), e ensino médio (3 anos).

Desta maneira, objetiva-se promover um movimento na escola, superando a seriação com novas perspectivas que surgem a partir das necessidades e potencialidades dos educandos, isto é, se reúnem para sanar certas dificuldades, no entanto, o conhecimento compartilhado no coletivo supera as expectativas.

Não constituiremos uma educação básica como direito enquanto nós, professores, não superarmos a cultura da reprovação, da retenção e da seletividade, enquanto não superarmos a escola seriada que esta estruturada numa cultura seletiva que esta nas avaliações, nas provas para aprovar-reprovar, repetir ano, reter fora da idade! (ARROYO, 2005, p.84).

Neste sentido, o educando não é responsabilizado pela escola por não aprender, pelo contrário, a instituição forma estratégias para superar as necessidades. A avaliação nem é punitiva nem é classificatória e os instrumentos utilizados para avaliar são diversos, entre eles: pasta de acompanhamento, conselho de classe participativo, caderno do educando, entre outro. Na perspectiva da escola itinerante:

[...] busca-se superar as notas, e o registro da aprendizagem dos alunos é realizado por meio de pareceres descritivos semestrais, que são a síntese da avaliação diagnóstica e efetivada ao longo do período [...] (BAHNIUK, 2012, p. 337)

Percebe-se que tudo é um processo de luta e a Escola Itinerante se concretiza a partir do momento que é assumida pela comunidade acampada como sendo sua, sendo um direito já

conquistado pelos trabalhadores, direito este, do qual não abrem mão, tornando esta escola efetiva na vida diária do acampamento.

A partir da decisão do MST juntamente com o Estado em construir Escolas Itinerantes, o primeiro passo era buscar subsídios para seu funcionamento, então se reuniram algumas pessoas integrantes do MST, SEED e da futura direção da escola Base – Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, e, juntos se deslocaram até o Estado do Rio Grande do Sul para conhecer os registros da Escola Itinerante que aos poucos se fortalecia.

[...] O grupo visitou, em Veranópolis, o IEJC (Instituto de Educação Josué de Castro), escola que formava os educadores itinerantes; a escola base das itinerantes, Nova Sociedade; dialogou com membros do setor de educação do Estado do Rio Grande do Sul, e também visitou uma escola itinerante em funcionamento próximo a Porto Alegre. [...] (CADERNO DA ESCOLA ITINERANTE, 2008, p.15)

Após a visita o grupo retornou com maior confiança em iniciar a construção da escola Itinerante, foi posto em prática a elaboração do Projeto Político Pedagógico da Escola Itinerante do Estado do Paraná, o que não foi tão difícil, já que no Estado do Rio Grande do Sul a experiência já vinha se desenvolvendo e, portanto, não era preciso iniciar do zero.

Conforme Bahniuk, (2012, p. 334) “Geralmente, a escola base localiza-se em um assentamento do MST, referenciando-se ao projeto educativo do Movimento”. Em Rio Bonito do Iguazu temos como Escola Base, o Colégio Estadual Iraci Salete Strozak, a qual está localizada no Assentamento Marcos Freire, na comunidade de Centro Novo. Neste sentido, cabe à escola base fazer matrículas, certificados, acompanhamento pedagógico e outros.

Normalmente, nas escolas itinerantes os educadores dos anos iniciais do ensino fundamental são pessoas do próprio acampamento e os demais níveis de ensino são assumidos por professores do Estado devidamente selecionados de acordo com as exigências da Secretaria Estadual de Educação.

3. EDUCAÇÃO DO CAMPO E SUAS ESPECIFICIDADES

O Processo de formação de professores esta indo rumo a não separação entre formal e não formal, tanto na forma como no conteúdo. Sendo assim, na perspectiva da classe trabalhadora, pensando uma formação com objetivo de transformação social, a formação deve ultrapassar os muros da escola, uma vez, que a mudança de fato ocorrerá com a participação da sociedade.

Neste viés, a formação dos professores deve partir da compreensão de que a sociedade divide-se em classes sociais, e que esta divisão resulta em muitas desigualdades, portanto, a educação precisa ser um instrumento de superação destas desigualdades, na qual estamos imersos.

Conforme as Diretrizes Curriculares de Educação do Campo é de fundamental importância diferenciar “rural” e “campo”. Neste sentido, a concepção de rural, faz referência aos povos do campo com necessidades de assistência, na perspectiva de que o rural é lugar de atraso e não como um espaço de vida e trabalho.

Por sua vez, a concepção de campo é marcada pelos movimentos sociais no fim do século XX, aqui a referência é a identidade e cultura dos trabalhadores do campo, valorizando-os em sua cultura e vida na terra, ou seja, o campo no viés do trabalho, da cultura e da produção de conhecimentos em relação à vida.

Assim, essa compreensão de campo vai além de uma definição jurídica. Configura um conceito político ao considerar as particularidades dos sujeitos e não apenas sua localização espacial e geográfica. A perspectiva da educação do campo se articula a um projeto político e econômico de desenvolvimento local e sustentável, a partir da perspectiva dos interesses dos povos que nele vive. (DCNs, 2010, p.24)

A caracterização do homem do campo é feita pela sua relação com a natureza, pela maneira como se organizam no trabalho com a terra, na relação estabelecida com a vizinhança, pela celebração da colheita, além de ter horários que diferem daquele utilizado na cidade. Nesta identidade de sujeitos do campo, têm-se diversas categorias, entre elas:

[...] posseiros, boias-frias, ribeirinhos, ilhéus, atingidos por barragens, assentados, acampados, arrendatários, pequenos proprietários ou colonos ou sitiantes – dependendo da região do Brasil em que estejam – caboclos dos faxinais, comunidades negras rurais, quilombolas e, também, as etnias indígenas. (DCNs, 2010, p. 24 – 25)

A educação do campo tem como desafio, o fortalecimento da educação escolar, estando constantemente em busca de novos conhecimentos, considerando nesse processo a cultura desses trabalhadores, valorizando sua história, sua cultura, seus conhecimentos, seu trabalho, enfim, visando principalmente seu desenvolvimento humano.

A educação do campo deve estar vinculada a um projeto de desenvolvimento peculiar aos sujeitos que a concernem. São povos que ao longo da história foram explorados e expulsos do campo, devido a um modelo de agricultura capitalista, cujo eixo é a monocultura e a produção em larga escala para a exportação, com o agronegócio, os insumos industriais, agrotóxicos, as sementes transgênicas, desmatamento irresponsável, a pesca predatória, as queimadas de grandes extensões de florestas, a mão-de-obra escrava. (DCNs, 2010, p. 27)

De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação do Campo (2010), a educação do Campo é pensada no sentido de novas perspectivas, novas maneiras de se pensar o sujeito em relação ao campo, entre estas estão: Concepção de mundo, no qual o sujeito é construtor, é autônomo em suas atividades diárias.

O homem aqui tem o direito de escolha no sentido de estar organizado em movimentos sociais ou mesmo trabalhar de modo individual pelo vínculo que tem com a terra, vínculo este que lhe oferece condições de criar meios para uma vida saudável e com melhores condições.

Concepção de escola, sendo esta, o local onde se dá o ponto de partida, onde se torna possível ampliar os conhecimentos, numa troca experiência estabelecida pela relação dos sujeitos, apropriando-se de conhecimentos científicos construídos no decorrer do tempo e produzindo novos conhecimentos propiciados pela ligação do mundo da ciência com o mundo da vida do dia a dia dos trabalhadores.

Concepção de conteúdos e metodologias de ensino, estes são pensados conforme a necessidade da comunidade escolar, sendo necessário o professor pesquisar a contribuição desses conteúdos para a vida do educando como um todo, estabelecendo um vínculo entre os conteúdos científicos e os conhecimentos de vida trazidos para sala de aula.

Concepção de avaliação, sendo a mesma realizada continuamente e de diversas maneiras, muito além de verificar notas, sendo um resultado do processo pedagógico em relação aos conteúdos trabalhados e metodologias usadas para a apropriação do conhecimento por parte do educando, assim, a avaliação possibilita pensar nas mudanças necessárias a serem feitas na prática pedagógica do educador.

Para que seja possível essa educação do campo acontecer, necessita-se um elemento principal, “escutar”:

- escutar os povos do campo, a sua sabedoria, as suas críticas;
- escutar os educandos e as suas observações, reclamações ou satisfações com relação à escola e à sala de aula;
- escutar as carências expostas pelos professores das escolas campo; enfim, ouvir cada um dos sujeitos que fazem o processo educativo: comunidade escolar, professores e governos, nas esferas municipal, estadual e federal;
- por meio da escuta, será gerado o diálogo e nele serão explicitadas as propostas políticas e pedagógicas necessárias à escola pública. (DCNs, 2010, p. 30)

Compreende-se, que é necessário a problematização dos conhecimentos, ou seja, discutir os conteúdos de forma aberta possibilitando questionamentos e indagações e não somente trabalhar mecanicamente e de modo enciclopédico.

Desta maneira, dentro das especificidades de cada comunidade, é realizado um trabalho de Núcleo Setorial, ou seja, nos encontros de formação que ocorrem uma vez ao mês no acampamento, todos os educadores dos diferentes espaços se fazem presente, nestes momentos de formação além do estudo e reflexão da sua prática docente, também se discute sobre os núcleos setoriais com diversos temas a serem trabalhados, entre estes, estão: Embelezamento, horta, arte e leitura, registro de memória, entre outros.

Cada espaço opta pelo tema quer trabalhar, feita a escolha dos temas, os educandos são divididos de acordo com o interesse de cada um, formando desse modo, os núcleos setoriais que contam cada um com dois coordenadores, tudo parte dos educandos, inclusive a escolha destes coordenadores, o educador apenas orienta.

Os educandos precisam estar envolvidos em todo o processo, e, na medida em que vão desenvolvendo os trabalhos vão socializando entre si o que esta sendo feito, cada grupo precisa desenvolver atividades envolvendo a escola e a comunidade, tudo dentro do contexto real do momento, neste movimento, busca-se formar seres pensantes e atuantes na sociedade e na própria realidade.

Neste sentido, a educação do campo caracteriza-se pelo movimento de luta na tentativa de construção de novas concepções, um novo jeito de entender o mundo, de pensar a escola, com outras metodologias de ensino, novas formas de avaliar, entre outras.

3.1 A PEDAGOGIA DO MOVIMENTO E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES NO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST)

Segundo Arroyo (2005), o Movimento social do campo, tem como marca registrada a característica de falar por meio de gestos, para isso, fazem uso das místicas. Nesse contexto a

educação é flexível em todos os aspectos, pois, o movimento social é educativo uma vez que forma novos valores, novos pensamentos, novos sujeitos e novas culturas.

Para Arroyo (2005), é importante que os educadores percebam neste contexto, qual é o homem que está sendo educado nesse movimento social e se ele está tendo acesso à educação de qualidade, ao conhecimento e a cultura produzida pela sociedade.

Os educadores estão entendendo que estamos em um tempo propício, oportuno e histórico para repensar radicalmente a educação, porque o campo no Brasil está passando por tensões, lutas, debates, organizações, movimentos extremamente dinâmicos. (ARROYO, 2005, p.70)

Para o autor, o Movimento social estabelece um vínculo entre educação, saúde, justiça e cidadania e isso se evidencia nas músicas, nas bandeiras, na mística: Terra, justiça, igualdade, liberdade, trabalho, dignidade, saúde e educação, todos estes elementos são constantemente enfatizados pelo movimento. Cabe aqui ressaltar que nas lutas e ações dos trabalhadores há inúmeros conflitos e mesmo assim, eles enfrentam porque acreditam numa condição de vida melhor. Neste sentido, Arroyo (2005, p. 73), “O movimento social no campo representa uma nova consciência do direito a terra, ao trabalho, à justiça, à igualdade, ao conhecimento, à cultura, à saúde e a educação”.

Conforme Arroyo (2005), o educando merece ser respeitado em todas as suas especificidades, principalmente no seu tempo de formação humana. O educador deve pensar o educando como pessoa em formação, como sujeito que tem uma história e que esta história difere das demais e que, portanto, o conhecimento científico deve ser trabalhado de maneira que tenha significado na vida real deste trabalhador, que o educando consiga fazer uso desse conhecimento em seu dia a dia, pois, de acordo com Arroyo (2005, p.75), “Temos que recuperar o humanismo pedagógico que foi enterrado por uma tecnologia imperativa; que foi enterrado pela burocratização da escola; que foi enterrado nas políticas públicas educativas”.

Nesta tentativa de combater a exclusão, surge a educação popular, a qual, segundo Pereira (2010), nasce fora do ambiente escolar, porém, devido sua metodologia emancipatória cruza as grades das escolas, influenciando práticas educativas em diferentes espaços.

Paulo Freire foi um pensador que contribuiu grandemente para com a educação, pois, traz uma síntese da educação popular por meio da Pedagogia do oprimido e também com tantas outras obras, no sentido de que o homem não seja nem oprimido, nem opressor, mas que haja um equilíbrio que o torne capaz de transformar a sociedade em que vive.

Não há conscientização se, de sua prática não resulta a ação consciente dos oprimidos, como classe explorada, na luta por sua libertação. Por outro lado ninguém conscientiza ninguém. O educador e o povo se conscientizam através do movimento dialético entre a reflexão crítica sobre a ação anterior e a subsequente no processo de luta (FREIRE, 1982, pp 109-110).

Na educação popular, o sujeito é capaz de construir sua própria história e têm como princípios a participação popular que parte da realidade social e nega a educação elitista, a construção e a convivência em uma nova sociedade, engajar o sujeito nas lutas sociais, mostrando que é possível mudar e incentivando o mesmo a ter esperança.

Falar em Educação popular é falar do conflito que move a ação humana em um campo de disputas de forças de poder. É falar da forma como o capitalismo neoliberal vem atuando de forma perversa, causando dor e sofrimento humanos. É uma possibilidade de retomarmos o debate proposto por Paulo Freire acerca da conscientização, da compreensão da realidade e de nossa ação no mundo. É falar de uma práxis educativa cujo ponto de partida é a realidade social. (PEREIRA, 2010, p.73).

Conforme Pereira (2010), a educação popular nasce dentro dos movimentos sociais e por este motivo aposta no potencial de transformação da sociedade, que inicia por meio da politização do sujeito, fazendo questionamentos neste sentido: Para quem? Para quê? Que tipo de sociedade eu quero?

Percebe-se, que nesta concepção, existe diálogo entre professor e aluno, o educador trabalha com experiências reais da vida do educando para problematizar o conteúdo proposto, desta forma, a esperança do aluno é cultivada e o desejo de mudança é despertado em ambas as partes, o professor se torna educador e o aluno se torna educando.

Nota-se, a necessidade de políticas públicas, que visem o respeito à diversidade em todos os aspectos, desta maneira, os sistemas de ensino precisam fazer adaptações em sua maneira de funcionamento e atendimento devendo considerar as peculiaridades da realidade do campo sem deixar de trabalhar os conhecimentos científicos. Têm-se, então, o que chamamos de Marcos Políticos da Educação.

Existe um percurso da luta por uma educação do campo, em 1997 aconteceu o primeiro encontro de educadores, em 1998 a primeira Conferência de Educação no Campo e ainda em 1998 uma articulação nacional que perdurou até 2008, quando acontece um enfraquecimento desta.

Têm-se então o parecer de 2001, que foi o primeiro documento oficial que vai tratar da educação do campo, em 2010 foi constituído o Fórum Nacional de Educação do Campo – FONEC. Em se tratando de conquistas nacionais algumas merecem ser destacadas, são elas:

O Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – PRONERA (1998), as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo (2002), a Coordenação da Educação do Campo – SECADI – MEC. (2004), O Programa de Apoio a Formação Superior em Licenciatura em Educação do Campo – PROCAMPO (2008).

Em 2009, a Lei de nº. 11.947 que dispõe sobre o atendimento da alimentação escolar e do Programa Dinheiro Direto na Escola. Ainda em 2010, ocorre o Decreto presidencial nº. 7.352, que dispõe sobre a política de Educação. PRONATEC (2011), e PRONATEC CAMPO (2012), sendo este, um curso rápido para formar mão de obra rápida e barata.

Percebe-se nesta multiplicidade de ações, que a organização produz força e o sujeito percebe que pode pensar por si só, tomar decisões, começa compreender que as lutas não estão desvinculadas, que é necessário ter coletividade, que é preciso se organizar, pois, ninguém se torna sujeito se não se organiza e não participa, então, ao participar começa a questionar a forma de ser do sistema capitalista e principalmente questionam a propriedade privada da Terra. (CALDART, 2001).

Trata-se de olhar para o MST como lugar da formação do sujeito social Sem Terra, e para a experiência humana de ser do MST, e participar da construção da coletividade Sem Terra, como um processo de educação, que é também um modo de produção da formação humana, tanto mais significativo do ponto de vista social, político e pedagógico, por ser movido por uma luta social centrada em questões de vida e morte e de vida inteira, porque vinculadas às raízes de um processo de humanização mais profundo: terra, trabalho, memória, dignidade. (CALDART, 2001, p.210).

Observa-se contexto de políticas neoliberais, a preocupação maior da burguesia dominante do Brasil é cumprir com os acordos nacionais e internacionais firmados com outros países do capitalismo central, países estes, que determinam junto ao Banco Mundial os rumos da economia brasileira, subordinando assim, as classes trabalhadoras dos países da América Latina por meio de reformas no setor político, econômico, educacional, trabalhista e previdenciários. ROSAR (2011).

Em decorrência dessa opção política de atrelamento do país ao projeto de hegemonização de setores vitais da economia, de acordo com os interesses dos grandes conglomerados do capital internacional, produziu-se o desmanche das empresas estatais mais produtivas e estratégicas para o fortalecimento da economia brasileira, como a Vale do Rio Doce, o setor siderúrgico estatal, o sistema Telebrás e parte expressiva do setor elétrico. (ROSAR, 2011. p.147 e 148).

Nesta linha de pensamento, a política econômica realizada no período entre 1995 a 2002 se articula em medidas governamentais de privatização de setores estratégicos da economia

nacional e de serviços públicos em todos os âmbitos possíveis, a começar pela saúde e educação, com uma política cambial que favorece a importação de produtos do pequeno ao maior, contribuindo para a desindustrialização do País e a desigualdade social.

Culminava essa estratégia de intimidação aos movimentos organizados na esfera do setor público, a utilização de medidas de avaliação e retaliação dos servidores, com ameaças constantes de cortes nos quadros dos órgãos governamentais, de modo a impor um recuo às forças políticas que se rebelavam contra os dogmas do Estado Neoliberal. (ROSAR, 2011. p.148).

Compreende-se que, a política pública é um espaço de luta, onde o Estado é burguês e como contradição surge a política social, exigindo do trabalhador a consciência e clareza da luta de classe que existe e que sempre existiu, para então compreender a sociedade atual e reconhecer o quão necessário é lutar por políticas específicas, políticas estas, que garanta aos camponeses e agricultores familiares, o direito de ter uma Escola no Campo construída com os sujeitos do campo a partir da vivência e da realidade do lugar onde vivem, combatendo a ideologia de que a cidade é lugar de progresso e o campo um lugar de atraso.

4. CARACTERÍSTICAS E FORMAÇÃO DOS EDUCADORES DA ESCOLA ITINERANTE HERDEIROS DO SABER 1º DE MAIO DE RIO BONITO IGUAÇU/PR

Foram aplicados questionários para os professores da Escola Itinerante Herdeiros do Saber do acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio, localizada em Rio Bonito do Iguaçu/ PR, sendo que a mesma se divide em espaços diferentes com as seguintes nomenclaturas: Herdeiros do Saber I, Herdeiros II - Alojamento, Herdeiros III – Lambari e Herdeiros IV - Guajuvira. São elas:

Figura 1 – Escolas Itinerantes



Fonte: Da autora

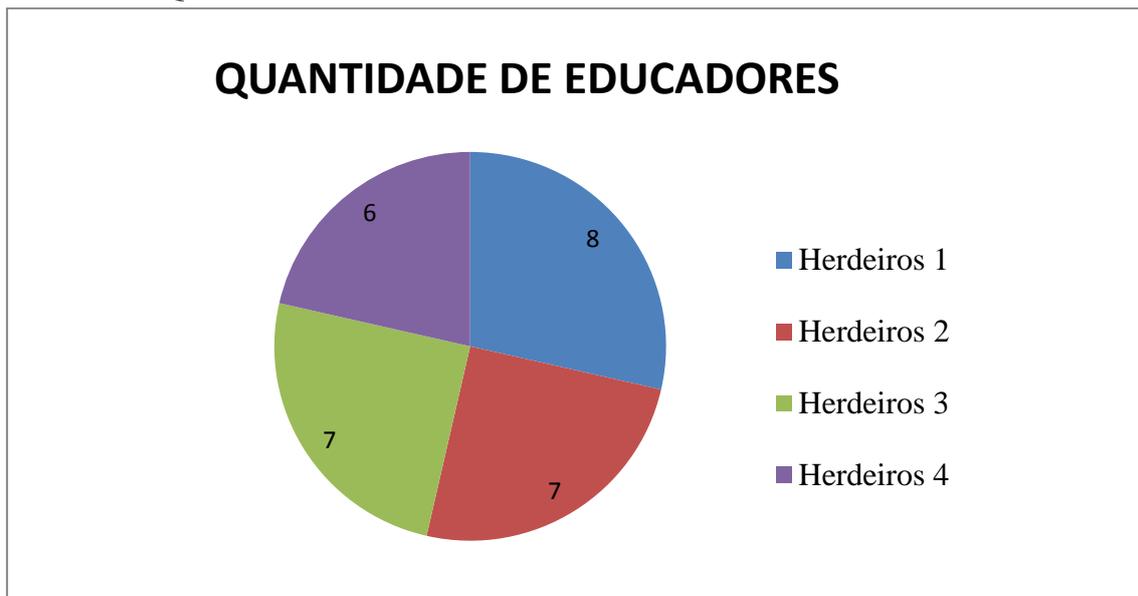
Atualmente, em todos os espaços da Escola Itinerante Herdeiros do Saber, atuam 28 educadores, organizados da seguinte maneira: Herdeiros I (8) educadores, Herdeiros II (7) educadores, Herdeiros III 3 (7) educadores e Herdeiros IV (6) educadores.

Quadro 1 - Quantidade dos educadores

Professores	Quantidade total	Amostra da pesquisa
Herdeiros 1	8	3
Herdeiros 2	7	2
Herdeiros 3	7	2
Herdeiros 4	6	2
Total	28	9

Fonte: Da autora.

Gráfico 1 – Quantidade dos educadores



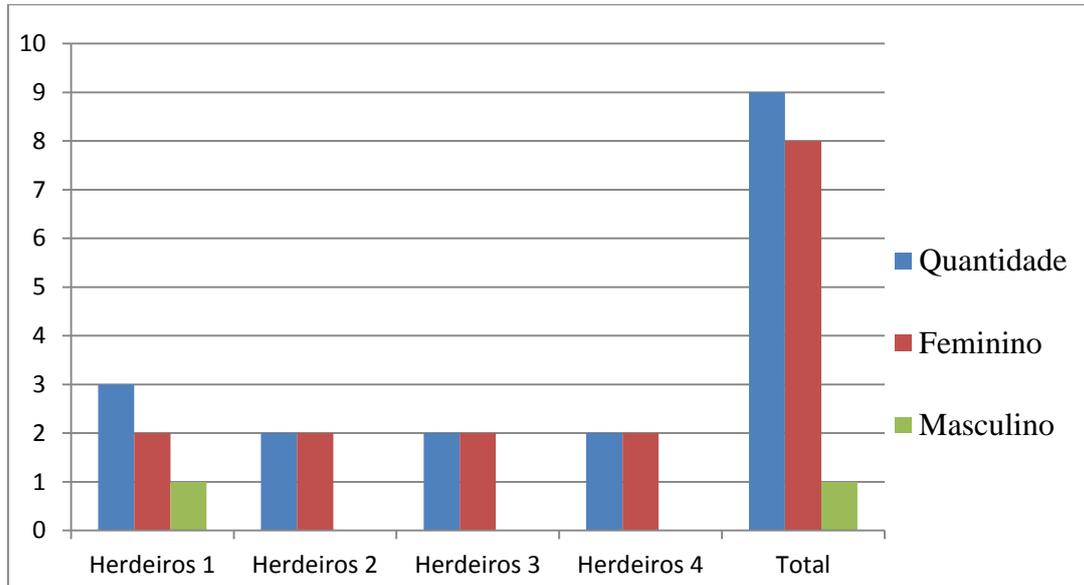
Fonte: Da autora.

Do total de 28 educadores foi aplicado o questionário com uma amostra de nove professores, representando aproximadamente 32% dos educadores, conforme apresentado anteriormente.

O questionário aplicado foi composto de treze questões, sendo que desse total, 10 são de múltipla escolha, (objetiva), duas descritiva e uma objetiva e descritiva. (Vide apêndice).

As questões aplicadas aos educadores evidenciam-se a seguir, sendo o resultado das mesmas representadas por meio de gráficos.

Gráfico 2 – Sexo dos entrevistados

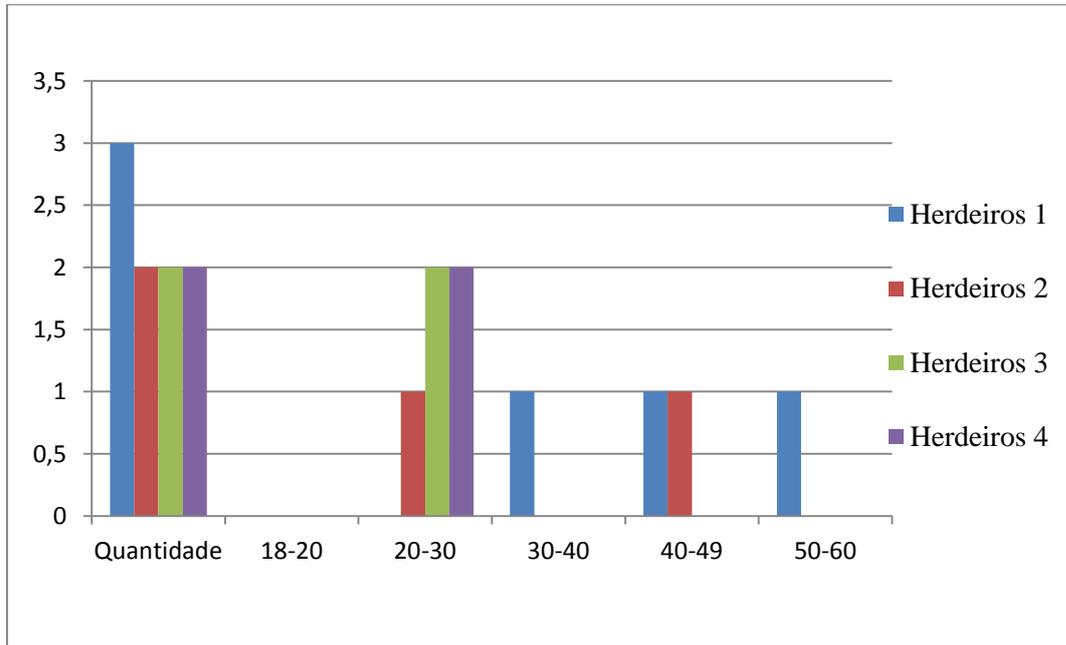


Fonte: Da autora.

Responderam ao questionário, três educadores do espaço Herdeiros 1, dois educadores do espaço Herdeiros 2, dois educadores do espaço Herdeiros 3 e dois educadores do espaço Herdeiros 4. Dentre os educadores que responderam ao questionário, somente um é do sexo masculino, do espaço Herdeiros 1.

Nota-se que entre os educadores que atuam nos espaços Herdeiros do Saber é predominante a figura da mulher, sendo ainda considerada uma função voltada ao público feminino.

Gráfico 3 – Idade dos entrevistados

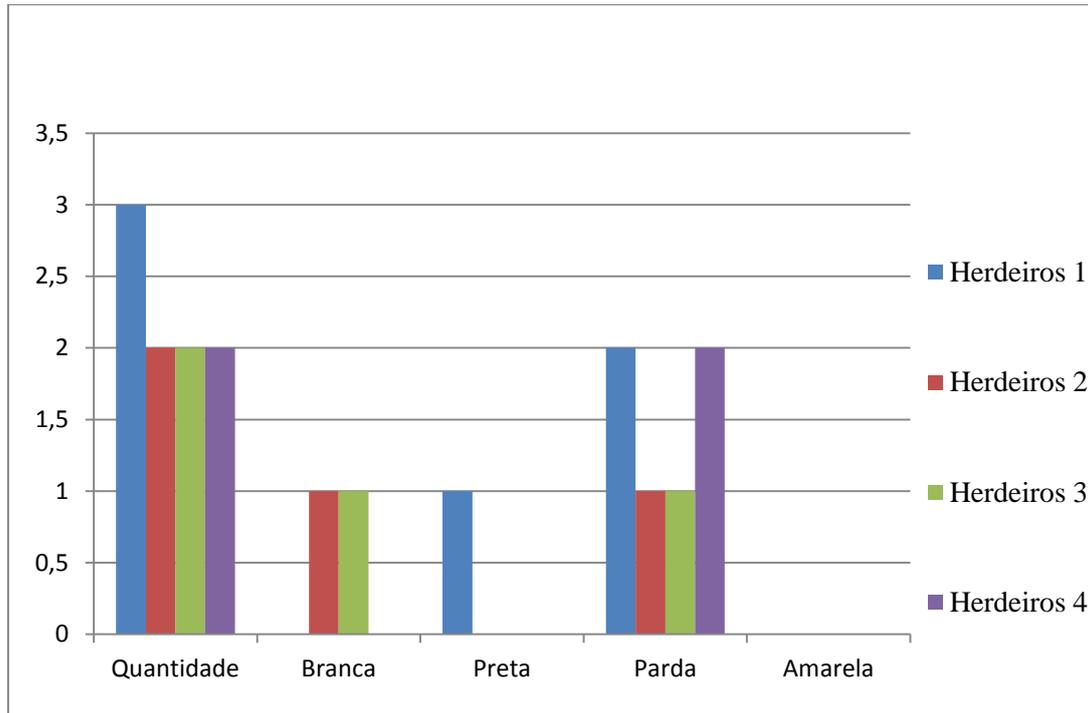


Fonte: Da autora.

Constata-se que entre os educadores que responderam ao questionário nos espaços onde se encontram as escolas itinerantes nos herdeiros 1,2,3 e 4 não há nenhum educador na faixa etária de 18 a 20 anos, desse modo, se encontram na faixa etária a seguir descrita: Escola Herdeiros 1, têm educadores com idade entre 30-40, 40-49 e 50-60. Na Escola Herdeiros 2, têm educadores com idade entre, 20-30 e 40-49. Na Escola Herdeiros 3 os educadores encontram-se com idade entre, 20-30 anos e na Escola Herdeiros 4, têm educadores na faixa etária de 20-30 anos.

Percebe-se que os educadores dos espaços Herdeiros do Saber da Escola Itinerante de Rio Bonito do Iguaçu, são ainda bastante jovens, isto é, iniciaram a carreira docente a pouco tempo o que reforça a necessidade de ter e participar de formações continuadas.

Gráfico 4 – A cor dos entrevistados

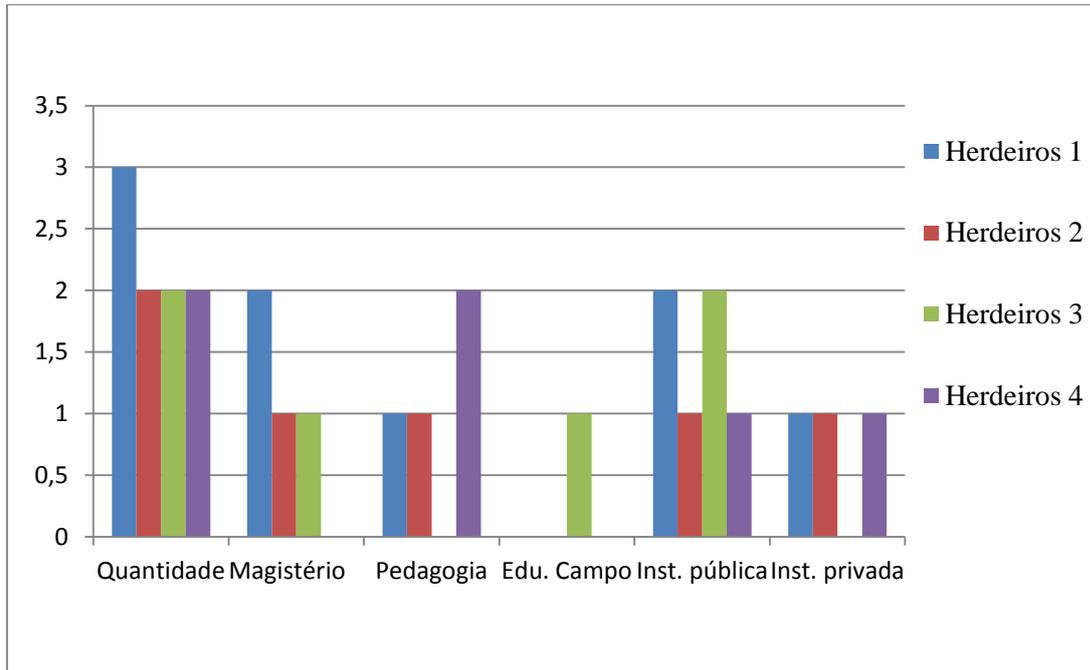


Fonte: Da autora.

Em relação à raça/etnia no espaço Herdeiros 1, dois educadores se declararam ter cor parda e um declarou ter cor preta. Já no espaço Herdeiros 2 um se declarou ter cor branca e outro ter cor parda. No espaço Herdeiros 3 um educador declarou ter cor branca e outro ter cor parda e no espaço Herdeiros 4 os dois educadores declararam ter cor parda.

Nota-se que dos educadores que responderam ao questionário, a maioria respondeu que tem cor preta ou parda, além disso, são residentes no próprio acampamento, uma vez, que são acampados e por assim o ser, passam por muitas dificuldades diariamente, tanto como educadores como acampados.

Gráfico 5 – Formação dos entrevistados



Fonte: Da autora.

Do espaço Herdeiros 1, dois educadores marcaram a opção magistério e um pedagogia, destes educadores dois estudam em Universidade pública e um em Universidade privada.

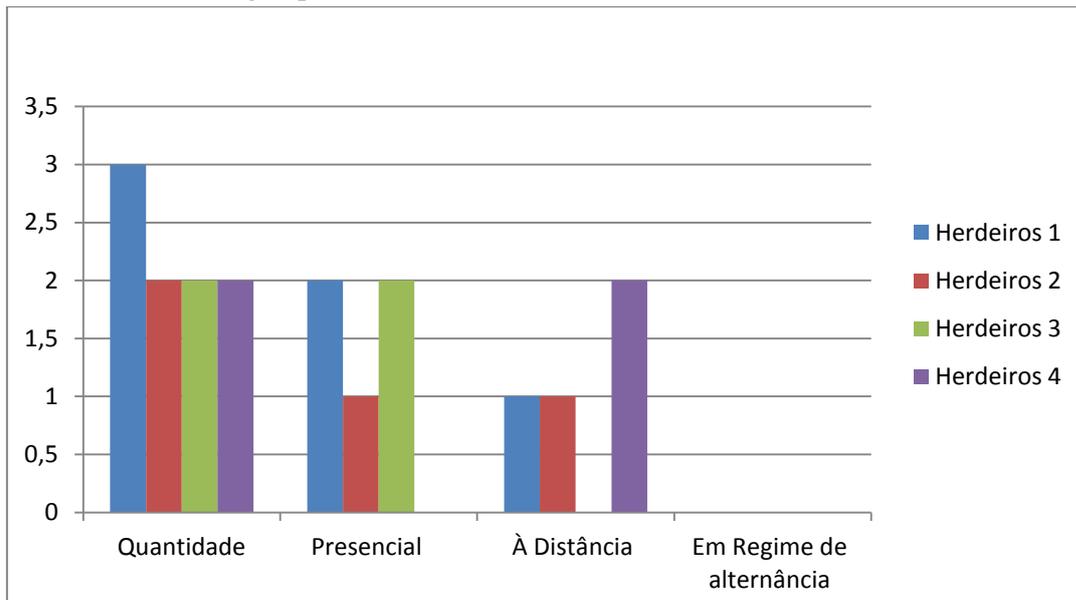
Do espaço Herdeiros 2, um marcou a opção magistério e outro pedagogia, sendo que um estuda em Instituição pública e o outro em Instituição privada.

Do espaço Herdeiros 3, um marcou a opção magistério e outro a opção Educação do Campo, ambos os educadores disseram que estudam em Universidades públicas.

Do espaço Herdeiros 4, os dois educadores marcaram a opção Pedagogia, porém, um estuda em Instituição pública e o outro em Instituição privada.

É importante ressaltar que os educadores que participaram da pesquisa, ainda estão em processo de formação, cursando os estudos em Nível Médio ou Superior em Instituições tanto pública quanto privada.

Gráfico 6 – Formação presencial ou à distância



Fonte: Da autora.

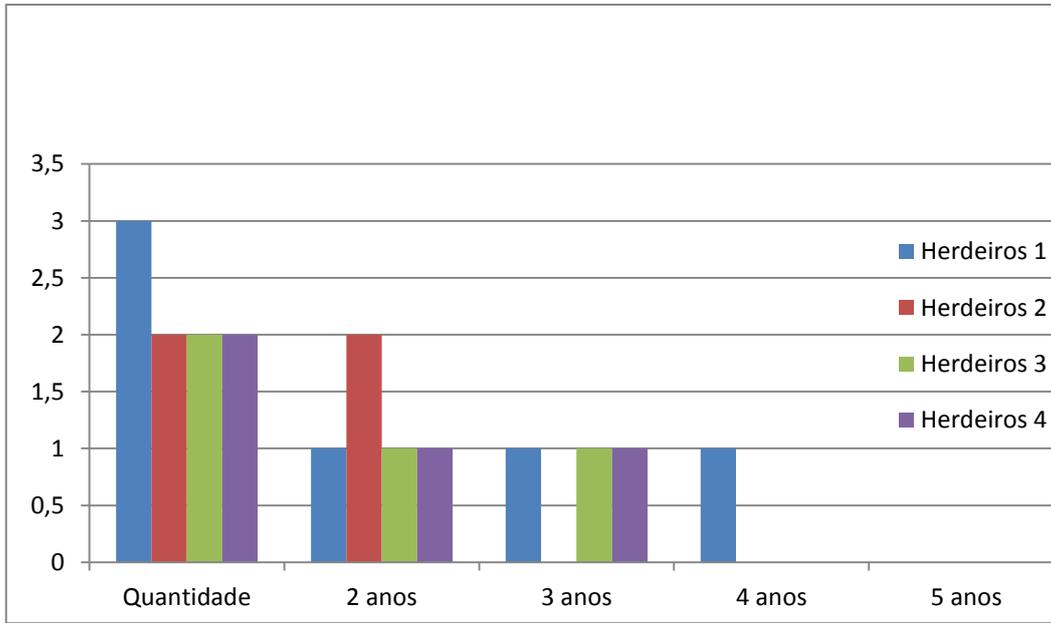
Questionados em relação a formação destes, se acontece de maneira presencial ou à distância, as respostas obtidas são quase iguais, sendo que cinco dos educadores estudam de forma presencial e quatro estudam à distância.

Nota-se a partir das respostas dos educadores entrevistados, que eles precisam superar seus limites constantemente, pois as dificuldades que enfrentam para poder estudar são grandes, a começar pelo difícil meio de locomoção e dificuldades financeiras, até porque estão num espaço improvisado com poucos recursos materiais e pedagógicos. Contata-se também que devido à pouca idade de alguns dos educadores, é pouca a experiência que possuem na carreira do Magistério.

No âmbito da escola, a formação de professores faz parte de um projeto de sociedade que deve estar bem claro e ser almejado pela comunidade escolar. Assim, necessita estar inserido na construção coletiva da escola e um instrumento importante para materializar tal propósito é o projeto político pedagógico da escola. (ANGHINONI, 2008, p.40).

Neste sentido é de extrema importância a formação que recebem por parte do Movimento (MST), uma vez que possibilitam contribuir para o aprendizado dos educandos a partir de necessidades da própria comunidade em que estão inseridos.

Gráfico 7 – Tempo de atuação na escola

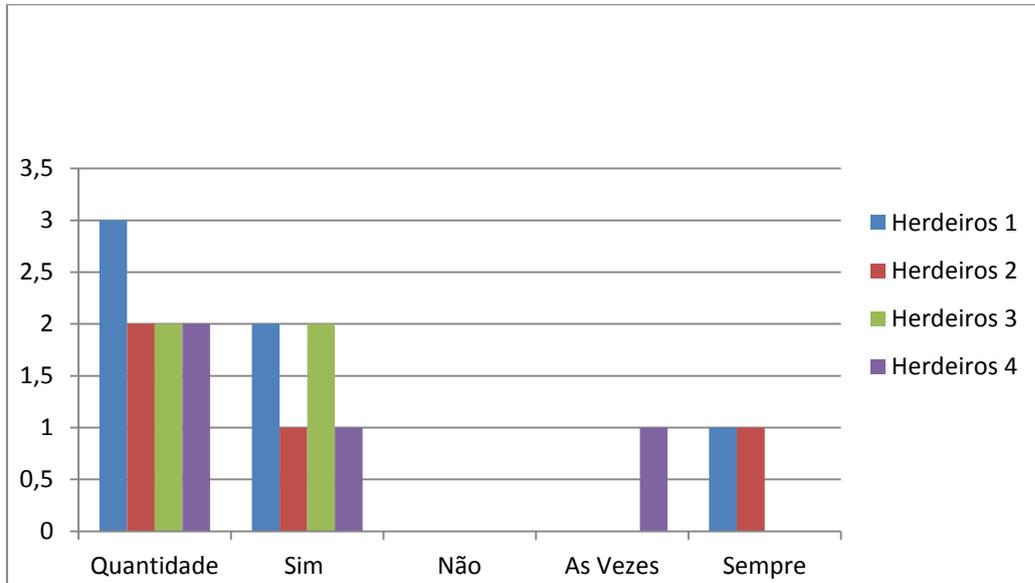


Fonte: Da autora.

A questão número oito (08), era descritiva, porém, todos os educadores que responderam ao questionário foram exatos, respondendo com números, o que justifica a demonstração em forma de gráfico. Sendo que do espaço Herdeiros 1, Um educador respondeu dois anos, outro três anos e outro quatro anos. Dos educadores do espaço Herdeiros 2, os dois responderam que atuam na escola há dois anos. Do espaço Herdeiros 3, um disse atuar na escola há dois anos e o outro há três anos e dos educadores do espaço 4, um respondeu dois anos e o outro três anos.

Cabe aqui ressaltar a pouca experiência dos educadores atuantes na profissão de docente, não foi questionado se atuaram em outras escolas, no entanto, no caso de dois educadores, ficou evidente em suas falas que participaram em outras Instituições.

Gráfico 8 – Participou ou participa de curso de formação



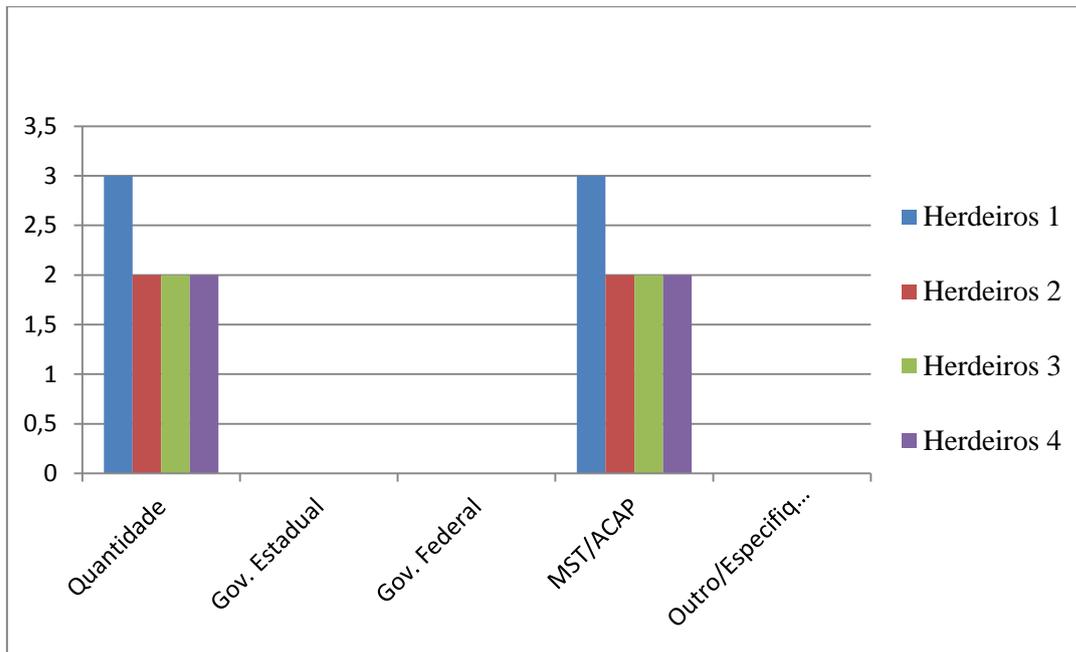
Fonte: Da autora.

Nesta questão os educadores responderam da seguinte maneira: Dos três educadores do espaço 1, dois responderam que sim e um respondeu sempre; Do espaço Herdeiros 2, um respondeu sim e o outro sempre; No espaço Herdeiros 3, os dois educadores responderam que sim; No espaço Herdeiros 4, um sim e outro sempre.

Também, a atitude de disposição por parte do professor precisa estar manifesta. É necessário que ele seja sujeito do processo pedagógico, sinta-se sujeito, queira ser sujeito. (DCNs, 2010, p. 33)

Observou - se pelas respostas que os educadores são participativos nos cursos de formação, o que demonstra a organização muito bem trabalhada por parte dos movimentos sociais, marca de resistência dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Gráfico 9 – Quem oferece os cursos de formação de educadores?



Fonte: Da autora

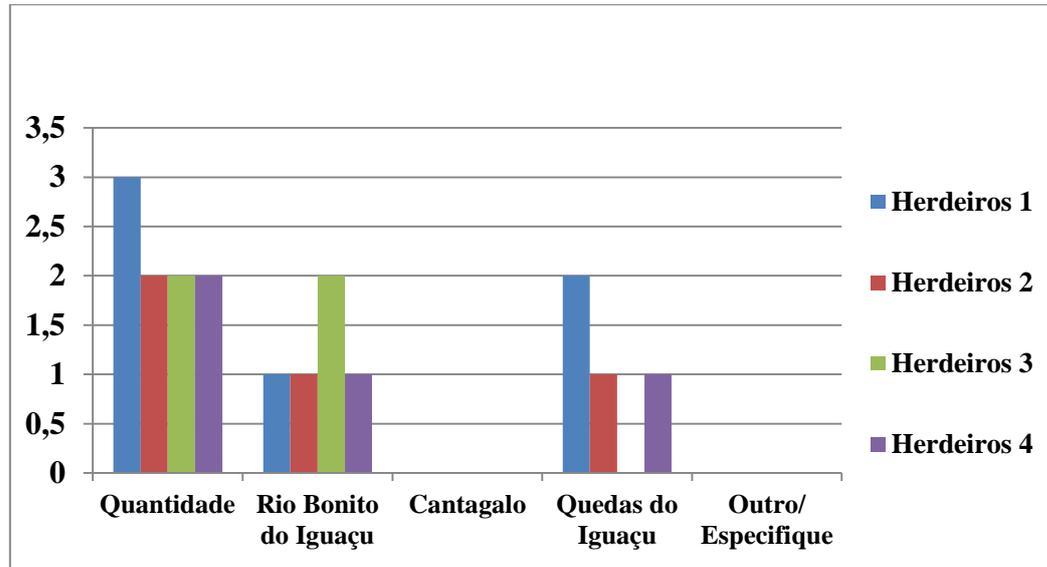
Segundo os educadores que participaram da pesquisa, os Cursos de Formação que ocorrem são oferecidos pelo Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Os educadores foram unânimes ao responder esta questão havendo uma concordância nas respostas.

Nota-se a importância de haver políticas públicas, uma vez, que é preciso pensar a educação a partir das diversidades, o que requer políticas públicas que assegurem o direito de igualdade e a formação de professores vista como prioridade nestas políticas. Pois:

A formação continuada, conforme era concebida por Freire permite que o educador faça de sua prática objeto de estudo reflita-a coletivamente à luz de teoria, recriando-a permanentemente. (DCNs, 2010, p. 33)

Neste sentido, pode-se pensar a formação continuada dos educadores, como um passado que se tornou história, um presente em constantes mudanças e um futuro que pode ser construído por seus sujeitos de acordo com seus ideais.

Gráfico 10 – Cidades nas quais acontecem os cursos



Fonte: Da autora.

Em relação à Cidade/Município em que ocorrem os encontros de formação, os locais mais citados foram o Município de Rio Bonito do Iguaçu e Quedas do Iguaçu, sendo que, do espaço Herdeiros 1 um educador respondeu Rio Bonito do Iguaçu e dois educadores responderam Quedas do Iguaçu, do espaço Herdeiros 2, a resposta de um educador foi Rio Bonito do Iguaçu e do outro educador foi Quedas do Iguaçu, já do espaço Herdeiros 3, os dois educadores responderam Rio Bonito do Iguaçu e do espaço Herdeiros 4, também se dividiram entre os dois Municípios de Rio Bonito do Iguaçu e Quedas do Iguaçu.

12. QUESTIONADOS SE OS CURSOS DE CAPACITAÇÃO AUXILIAM NA PRÁTICA DOCENTE:

Dos educadores que participaram da pesquisa, todos responderam positivamente aos Cursos de Capacitação em relação à sua profissão. Estes salientaram que os cursos de capacitação contribuem com a formação tanto do educador quanto do educando, além disso, as oficinas que acontecem durante estes encontros de formação, auxiliam na elaboração do planejamento das aulas, possibilitando ao professor refletir sobre sua prática cotidiana, a qual, deve sempre considerar a realidade do educando e suas especificidades.

Iniciativas das universidades em parceria com os movimentos sociais precisam ser valorizadas pelo poder público, pois a partir delas a formação inicial e/ou continuada poderá ser incrementada, pela difusão de conhecimentos que permitam aos professores valorizar o campo e a cultura dos povos do campo no Brasil. (DCNs, 2010, p. 33)

É importante sua valorização, uma vez que, nas formações ocorrem trocas de experiências que são significativas, pois contribuem para que as especificidades do campo sejam pensadas em diversas perspectivas contribuindo para a autonomia do educador, o qual sentirá maior segurança para trabalhar tanto as necessidades, quanto as potencialidades dos educandos.

13. O QUE ESTIMULA PARTICIPAR DOS CURSOS DE FORMAÇÃO:

Ao serem indagados sobre as motivações para a participação nos cursos de formação, os educadores reafirmaram a importância destes, uma vez que, eles proporcionam aos professores a oportunidade de compartilharem metodologias diferenciadas para aplicar em sala sanando as suas dúvidas e também as dificuldades dos educandos.

A pesquisa é elemento essencial para que o professor aprofunde os seus conhecimentos, ou para que entre em contato com os aspectos da realidade vivida pelos povos do campo. Ela requer observação, experimentação, reflexão, análise, sistematização e estudos para aprofundamento teórico. (DCNs, 2010, p. 48)

Além disso, os cursos de formação contribuem na ampliação do conhecimento, o que reflete na prática do educador, pois este poderá ficar atualizado em relação a diferentes maneiras de trabalhar com a realidade do educando, sem deixar de lado o conhecimento científico.

O trabalho com temas geradores é outra opção teórico-metodológica indicada na perspectiva emancipatória de educação. Porém, como apontou Freire (1987), os temas não são extraídos da realidade, mas são oriundos de investigações feitas com a comunidade e entre a própria comunidade. (DCNs, 2010, p. 48)

Os educadores dos diferentes espaços Herdeiros do Saber, consideram como estímulo o fato de estarem em constante formação, pois, desse modo, eles têm condições de aprender novas maneiras de desenvolver as potencialidades dos educandos.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa verificou como acontece a formação inicial e continuada para os educadores da Escola Itinerante Herdeiros do Saber do Acampamento Herdeiros da Terra de 1º de Maio de Rio Bonito do Iguaçu-PR.

A formação dos educadores é uma das prioridades discutidas pelo MST, devido a importância de se ter educadores capacitados e comprometidos com a proposta do movimento e da Escola Itinerante.

A partir da pesquisa, foi possível constatar que a formação dos educadores da Escola Itinerante Herdeiros do Saber de Rio Bonito do Iguaçu- PR, é pensada como uma das prioridades do Acampamento, sendo que os encontros de formação continuada para os educadores acontecem duas vezes ao ano, sendo um encontro no início do ano letivo e outro após seis meses.

Também é por meio do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que são proporcionados aos educadores dos espaços da Escola Itinerante Herdeiros do Saber I II III IV, encontros de formação uma vez ao mês, estes, são realizados dentro do próprio acampamento. Nestas formações, busca-se sempre, lembrar ao educador a importância de considerar as especificidades e diversidades dos que ali estudam, também, são trabalhados temas que contribuem tanto para o conhecimento do educando como para o desenvolvimento da comunidade em si, entre estes temas estão: Embelezamento, horta, arte leitura e registro de memória.

Vale ressaltar, que as formações de educadores que ocorrem em outras cidades/municípios, também fazem parte do interesse e da organização do movimento em realizá-las. Constata-se a falta de políticas públicas por parte do Estado, políticas estas que deem suporte para os educadores não apenas ingressarem nos cursos de formação, mas que consigam permanecerem até a conclusão do mesmo. Considera-se que a Escola Itinerante resultou de lutas organizadas pelos movimentos sociais, contribuindo para a inclusão daqueles que estavam à margem da sociedade.

Conclui-se com a compreensão de que para se construir uma educação do campo efetiva, é preciso repensar a estrutura da escola, a maneira de organização dos conteúdos, articulando estes com a realidade do campo, oferecendo aos educandos conhecimentos necessários para a compreensão do mundo ao qual pertencem.

Neste sentido, constatou-se que a formação dos educadores acontece de fato pela mobilização que se tem dentro dos acampamentos, possibilitando aos educadores estudarem a

proposta pedagógica da escola, refletirem sua prática docente, sua metodologia, sendo assim, a formação se dá por meio das lutas diárias, pelo contexto real em que se encontram os educadores e educandos, e, não por políticas públicas institucionalizadas.

Considerando que este trabalho monográfico não tinha a pretensão de findar o tema, visto que é um assunto muito pertinente dada sua importância na vida dos acampados, a sugestão é que novos estudos sejam feitos em relação a esse tema, pois ainda tem muitas questões a serem estudadas e aprofundadas.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel Gonzalez. CALDART, Roseli Salete. MOLINA, Mônica Castagna. **Por Uma Educação do Campo**. 2ª edição. Ed. Vozes. Petrópolis, 2005.

ANGHINONI, Celso. Educação do campo e formação continuada professores: uma experiência coletiva. Fernando José Martins (Org). Porto Alegre: EST Edições; Campo Mourão: FECILCAM, 2008.

BAHNIUK, Caroline. CAMINI, Isabela. **Escola Itinerante** Dicionário da Educação do Campo, Rio de Janeiro, São Paulo. Ed. Expressão Popular, 2012.

BRAZ, Fábio César. **História do Paraná**: das origens à atualidade. Arapongas, EL Shaddai, 1º ed. 2000.

CALDART, Roseli Salete. **O MST e a formação dos sem terra: o movimento social como princípio educativo**, Estudos avançados, Paraná, 2001.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3ª ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

Escola Itinerante do MST: história, projeto e experiências. Cadernos da Escola Itinerante – MST. Ano VIII, nº 1, Abril, 2008.

PEREIRA, Dulcinéia de Fátima Ferreira. PEREIRA, Eduardo Tadeu. **Revisitando a história da educação popular no Brasil: em busca de um outro mundo possível**. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, 2010.

KEHL, Marta Rita. **Civilização Partida**, em NOVAES, ADAUTO (org). **Civilização e Barbárie**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

ROSAR, Maria de Fátima Felix. **Educação e Movimentos Sociais: avanços e recuos Entre o Século XX e o Século XXI**, Educação em revista, Marília, 2011.



APÊNDICE – A (QUESTIONÁRIO)

Sou discente do curso de Especialização em Educação do Campo da Universidade Federal Fronteira Sul (UFES), Campus de Laranjeiras do Sul. A investigação pretendida visa reforçar a relevância da formação inicial e continuada na prática pedagógica de professores dos anos iniciais. Para desenvolver a pesquisa, solicito ao profissional docente atuante nos anos iniciais da Escola Itinerante Herdeiros de Saber do Acampamento Herdeiros da Terra 1º de Maio, a colaboração com as respostas às questões abaixo indicadas. Será garantido o seu total anonimato e confidencialidade. Agradecemos sua colaboração!

QUESTÕES:

1. Qual é o seu sexo?

1. () Feminino 2. () Masculino

2. Qual é a sua idade?

1. () 18 – 20 2. () 20 – 30 3. () 30 – 40 4. () 40 - 49 5. () 50 - 60

3. Qual a sua raça/etnia?

1. () Branca 2. () Preta 3. () Parda 4. () Amarela

4. Qual é a tua formação acadêmica?

1. () Nível Médio (Magistério)
 2. () Nível Superior em (Pedagogia)
 3. () Nível Superior em (Educação do Campo)
 4. () Outro (Especifique)_____

5. Sua formação foi ou esta sendo em universidade pública ou privada? Presencial ou à distância?

1. () Pública
 2. () Privada
 3. () Presencial
 4. () à Distancia

6. Em qual espaço da Escola Herdeiros do Saber você contribui?

1. () Herdeiros 1
 2. () Herdeiros 2 Alojamento

3. () Herdeiros 3 Lambari
4. () Herdeiros 4 Guajuvira

7. Há quanto tempo você atua nesta escola?

1. () Um ano
2. () Dois anos
3. () Três anos
4. () Outro (Especifique) _____

8. Há quanto tempo trabalha com os anos iniciais?

9. Você participou ou participa de cursos de capacitação?

1. () Sim 2. () Não 3. () As vezes 4. () Sempre

10. Por quem é oferecido os cursos de formação de educadores?

1. () Pelo Governo Estadual?
2. () Pelo Governo Federal?
3. () Pelo Movimento (MST/ ACAP)
4. () Outro (Especifique) _____

11. Em qual Cidade/Município acontecem estes encontros de formação?

1. () Rio Bonito do Iguaçu
2. () Cantagalo
3. () Quedas do Iguaçu
4. () Outro (Especifique) _____

12. Enquanto educador os cursos de capacitação auxiliam a tua prática docente? Justifique por quê:

1. () Sim 2. () Não 3. () As vezes 4. () Sempre

13. O que te estimula participar dos cursos de formação?

APÊNDICE – B (FIGURAS)

Figura 1



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

HERDEIROS DO SABER 1

Figura 2



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 3



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

HERDEIROS DO SABER 2 (ALOJAMENTO)

Figura 4



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 5



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 6



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

HERDEIROS 3 (LAMBARI)

Figura 7



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 8



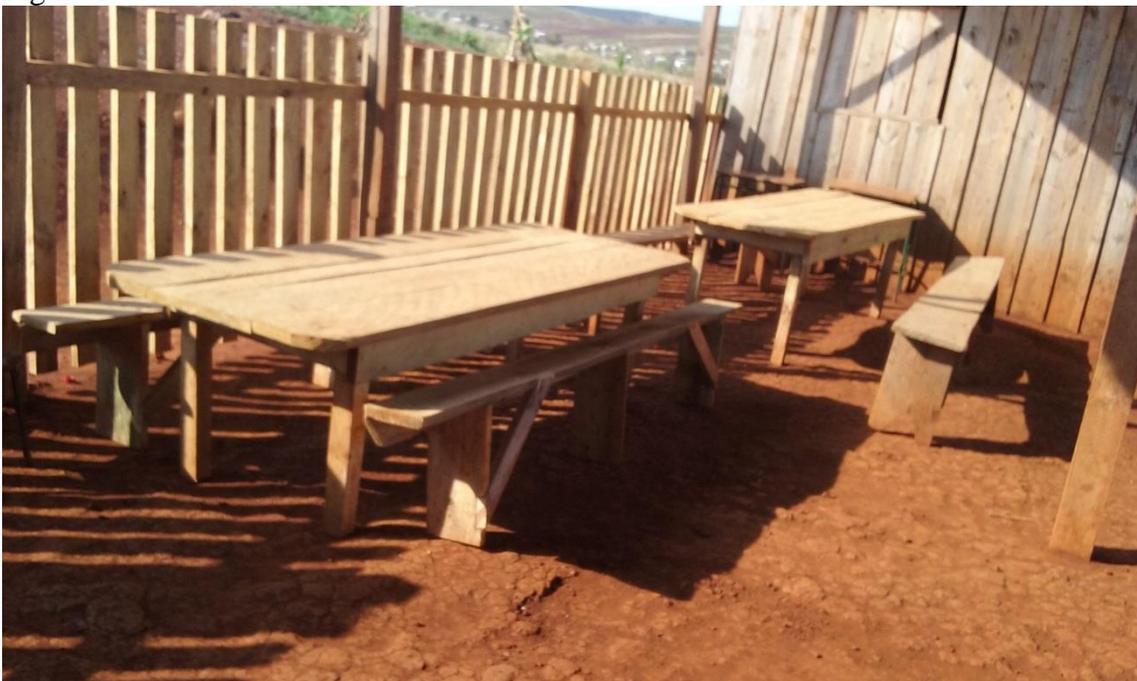
Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 9



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 10



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

HERDEIROS 4 (GUAJUVIRA)

Figura 11



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 12



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 13



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.

Figura 14



Fonte: Imagem organizada por Scussel, 2017.